



O TYMBIRA.

Assembléa Provincial.

O dia 10 do corrente estava determinado para a abertura da assembléa provincial; todos comancia esperavam a chegada desse dia em que iam-se reunir os representantes da provincia e tratar de negocios da mais alta importancia. Chegou em fim esse dia tão esperado e o que vimos? o lamentavel expectaculo de duas parcialidades politicas, combatendo-se, não em favor da provincia, mas em favor de seu proprio interesse,—ligando immensa importancia a um facto, que o não tem realmente, considerado em relação a provincia.—O que tem esta que a assembléa seja presidida por um liberal ou por um conservador?—Cousa nenhuma—e no entanto foi sobre o que versou toda a discussão nas sessões preparatorias. Ambos os partidos queriam cortar o *nó-gordio* do empate, mas faltava-lhes a espada de Alexandre. Queriam os conservadores que o empate fosse decido pela sorte segundo a interpretação que davam ao regimento. Esta interpretação é arbitraria pois que para presidir a assembléa é necessario reunir maioria absoluta de votos, mas desde que ha empate não ha maioria absoluta, logo a sorte não pode ser admittida.—E' desta maneira pouco mais ou menos, que argumentavam os liberaes e a meu modo de ver com toda a justiça.—

Por sua vez queriam os liberaes, que se reunissem os membros de ambas as parcialidades politicas e fora do recinto de assembléa e que concordassem em votar em um candidato determinado.

Como está concebido o regimento é a unica interpretação que se pode dar, segundo todas as regras;—e fazer maiores concessões seria quebrar a lei, e descer de sua dignidade como partido e como homens.—

Foi tudo baldado; os conservadores imperraram em querer a sorte, e não se podendo chegar a um accordo foi adiada a assembléa.—Notaremos aqui em particular que os mesmos homens que agora queriam a sorte já tinham-na combatido em outros tempos.—Assim reuniram-se os representantes da provincia e não houve

sessão, ficando a provincia sem leis do orçamento e outras de grande importancia—pelas quaes se devia guiar o Presidente da provincia que está como um barco em alto mar tendo perdido a bussola.—

Quem soffre com tudo isto?—A provincia de S. Paulo.

Charles Ribeyrolles.

Falleceu na cidade de Nitheroy no corrente mez Charles Ribeyrolles.

Escriptor de nota redigio durante o reinado de Luiz Philippe—a «Reforma»; republicano sincero e entusiasta combateu nas ruas de Pariz por seus principios; caracter firme votou-se ao ostracismo para não pactuar com a desgraçada ordem de cousas que appareceu em 2 de Dezembro de 1852 em França.

Acompanhou ao exilio esse vulto venerando, Victor Hugo, que com olhos fitos na patria e suspirando pelos bellos tempos da liberdade, canta como esses bardos de Ossian a *Legenda dos Seculos*.

Victor Hugo, poeta democrata geme em Guernesey! assim como Napoleão soldado em Santa Helena. São os representantes do principio popular que soffrem as dôres do martyrio.

Charles Ribeyrolles. era amigo do poeta e irmão nas ideias e nas dôres.

Querendo receber inspirações de nossa natureza tão bella e tão vigorosa, como elle mesmo o disse, e querendo conhecer o povo que descansa á sombra de instituições livres aportou ás nossas praias sendo saudado pelos que conhecem quanta nobreza d'alma existe naquelle que soffre por uma ideia.

Escreveu essas paginas brilhantes cheias de fogo do Brazil Pittresco, entusiasmou-se comnosco ao recordar o feito glorioso de nossa emancipação politica, e retratou com o vigor e intelligencia que competia ao painel, as scenas grandiosas de nossa natureza.

Hoje descança! Aquella mão que estampára no papel palavras tão santas, que do alto da barricada acenava ao povo na hora do delirio está corruida pelos vermes. Triste fatalidade!

E' doloroso vêr-se morrer um homem sem que uma lagryma quente se derrame sobre seu tumulo como a esse poeta-louco Gilbert, que o fez dizer n'uma estrophe tão triste e tão sentida:

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus unjour et je meurs;
Je meurs, et sur la tombe ou lentement jarrive
Nul ne viendra verser des pleur!

Não! Charles Ribeyrolles terá lagrymas porque soffreu e terá admiradores de sua esclarecida intelligencia e character como homem publico porque o merece.

O Decano do jornalismo brasileiro, o exforçado «Diario do Rio de Janeiro» já disse sobre Charles Ribeyrolles palavras de um bom e verdadeiro collega, mas o «Tymbira» tambem não poude conter-se e quiz tecer uma corôa de louros e perpetuas para depositar sobre a campa do illustre morto.

A' PEDIDO.

Para Sua Excellencia o Senhor Presidente da Provincia vêr.

Sob esta epigraphie publicamos em o n.º 5.º do *Tymbira* um artigo, que teve no *Correio Paulistano* de 10 do corrente *cabul analyse* e resposta.

Seria darmos parte de vencidos, si nos calassemos com o arrasoado do Snr. —*Justo*—: permita-nos pois que nos façamos melhor comprehendidos.

Antes porem de entrarmos na analyse de seus argumentos, devemos fazer lembrar ao distincto autor do artigo, que todas as vezes que quizer defender os actos de qualquer autoridade mostrando que elles estão de accordo com a lei, seja mais escrupuloso, vá a legislação e não contente-se com o citar disposições encontradas por ahi em qualquer parte, para não citar de falso, como lhe aconteceu com a tal provisão de 6 de Março de 1843. A provisão que eu conheço, e que de certo foi a que quiz citar o Snr. *Justo*, é de 15 de Fevereiro de 1843.

O Snr. *Justo* muito se admirou da citação que fizemos do art. 5.º da Constituição, dizendo que do disposto nesse lugar, não se podia concluir que algumas praças deveriam acompanhar ao Santissimo Sacramento. Pois quem é que quiz concluir semelhante coisa? Não seríamos nós por certo.

Fazendo aquella citação tivemos em vista demonstrar que sendo a religião catholica a do estado, á elle competia vellar sobre ella, e cercal-a de tudo o que fosse mister para garantir o respeito e o decóro que se deve aos seus actos.

Quanto á lei de 18 de Agosto de 1769, não é sua citação sem cabimento, como pretende o Snr. *Justo*. Quando nada fosse, ella vinha garantir o costume existente, e mostrar sua conformidade com a disposição da Constituição. Mas será como pretende o Snr. *Justo*, porque existe lei expressa? Ora onde está ella? Só si é a provisão citada em falso. Aquella outra de 15 de Fevereiro de 1843 não falla do caso em questão. Vejamos o que ella diz: « § 6.º Quando as procissões passarem por qualquer guarda, o commandante destacará uma parte da sua força da qual lhe seja possivel dispôr, para as acompanhar; mas si a procissão já vier acompanhada, não deverá então destacar força alguma para aquelle fim. Si passar o Sagrado Viatico não em procissão, ou a Sancta Unção os mandará acompanhar até o primeiro posto militar por uma força menor. »

Note-se que a provisão diz—mandará acompanhar até o primeiro posto militar—: o que quer dizer que d'ahi voltará, e que o commandante desse posto destacará nova força.

Vê-se pois muito claramente que a lei quer que o Santissimo Sacramento seja sempre acompanhado; mas não falla no caso da sahida da Egreja, que é o em questão: logo, é o costume inveterado que deve regular, quando não fôr contrario nem á boa razão, nem á lei.

E será o costume até então existente—contrario á boa razão, ou contrario á lei?

Contrario á boa razão, não é, porque se harmonisa com a disposição da Constituição; contrario á lei expressa, muito menos, porque já demonstramos que para esse caso não ha lei expressa: logo teve muito cabimento a citação referida para fazer-se respeitar como lei, á um costume inveterado.

Vamos adiante. Permitta-nos ainda o Snr. *Justo*, que o accusemos de injusto para com os militares: elles conhecem a disposição citada, e quando não sirva ella—obdecem ao costume.

Admirou-nos o autor da resposta nos censurar e nos chamar de desconfiados da conducta do povo paulistano, porque quizemos o exacto cumprimento da lei, não se lembrando que deu como principal razão para não poderem sahir os guardas para acompanharem o Santissimo Sacramento o terem elles de *guardar tantas repartições e cofres...*

Pois não é isto ir mais longe ainda, e desconfiar da probidade de todos os paulistas? Não é acreditar os capazes....

Ora Snr. *Justo* não seja tão injusto assim. Acredite que para censurar com vantagem é preciso muito cautelosamente medir as palavras, ter muito em vista o espirito da lei, cuja observancia se quer fazer levantar. Acredite que nossa censura não foi sem fundamento: acredite em fim que escrevendo aquellas linhas pediamos a revogação d'uma ordem contraria ao costume inveterado, contraria a boa razão, e contraria á tranqtlidade publica, e á magestade da religião.

E nesse proposito continuamos ainda.

As lettras na Russia.

A Russia está condemnada pela natureza, a só fazer-se respeitar pela molle immensa de suas armas. A vastidão de seu territorio prenhe de habitantes, faz com que as nações do meio-dia e do sul do continente europeu, vejam nella um novo foco de onde podem descer alluviões de homens e realisarem de novo no mappa da Europa, as scenas tragicas que accarretaram a ruina da já vacillante *Parthenope* a antiga Roma.

E tanto mais temem esse novo foco, quando lançando a vista sobre a natureza, veem que é elle um reducto inexpugnavel, pois só pódem soffrer os rigores das estações os seus incolas.

E mesmo que tentassem repellindo-os, levar grandes e numerosos exercitos para internarem-se por esse paiz, cedo se convenciriam de que os seus esforços seriam impotentes, porque uma vez repellidos, os russos, iriam buscar abrigo seguro, lá por entre as geladas montanhas do norte onde a natureza dos povos do meio-dia e sul, não tem entrada; e dessas montanhas desceriam os russos de novo, e cahindo sobre os conquistadores recuperariam os dominios perdidos.

Alem disso vendo pesar sobre a Russia um governo oppressor, principiam a considerar as intelligencias

de seus incolas como abafadas, e não tendo a liberdade necessaria para receberem as instituições e ideias sabias da moderna civilisação.

E vendo os seus incolas sujeitos a um rigorismo sem limites, principiam a considerá-los como grandes rebanhos, verdadeiras maquinas de seu senhor.

E julgam confirmadas as suas ideias, quando observam o modo de portar-se dos soldados russos no campo de batalha, onde atiram-se por entre os ferros do inimigo, como que movidos por força superior, assemelhando-se aos filhos do islamismo que na batalha de Bedr obraram prodigios, por ter Mahomet receiando perder a batalha exclamado: Gabriel acaba de revelar-me que todos os que morrerem nesta batalha irão direitos para o Paraizo. Porém estes eram movidos por uma ideia, em prol da qual, julgavam que dando os seus corpos, iriam gozar das delicias desse paraizo decantado por Mahomet, onde as huris de porfia procuram os prazeres dos que para ali vão habitar; e aquelles não são levados por ideias, mas sim pelo rigor immenso da disciplina, que os torna verdadeiros automatos. E as nações temem-se desse povo, que, sem vontade, é guiado por uma unica intelligencia e vontade.

Taes são as ideias, que geralmente apparecem entre nós ácerca da Russia, todos tendentes a relação material que entre ella existe e as outras nações.

Alguns espiritos mais curiosos procuram conhecer as industrias da Russia e isto mesmo contentam-se com o simples conhecimento da existencia dessas industrias, não se importando com o seu gráo de perfeição.

Se isto acontece á respeito das industrias desse paiz, então a respeito de sua litteratura, ainda mais crassa é a nossa ignorancia; é que conhecemos a Russia pelas correspondencias dos jornaes, e estas são mais minuciosas a respeito do material que do intellectual das nações: grande influencia do commercio!

No entanto a Russia possui uma litteratura tão digna de attenção, como aquellas, dessas nações que se acham a testa do movimento intellectual do universo e que se chamam, França e Allemanha.

O que vem confirmar esta verdade já tantas vezes repetida: que o genio não é apanagio exclusivo de tal epocha, tal nação, tal governo, mas que póde apparecer em toda epocha, em toda nação, em todo governo. O que comtudo não destrua esta outra verdade: que nos governos em que o pensamento não conhece outro limite, a não ser aquelle que lhe determina a razão o movimento intellectual é geral, no entanto que naquelles governos em que o pensamento encontra pês, o movimento intellectual é parcial, ou servindo-me da phraseologia de H. Heine nas primeiros a litteratura é democratica reina o espirito de todos, nos segundos a litteratura é aristocratica reina o espirito de individuos.

A Russia tem a sua litteratura ainda que limitada; ella não póde como a França e Allemanha, appresentar milhares de escriptos sobre todos os ramos de sciencias e artes, mas póde appresentar como monumentos immorredouros, algumas concepções de seus filhos, concepções tão grandiosas como só soem ser aquellas dessas intelligencias soberbas que só pedem inspirações á Deus.

Ela tem *Viazemski* que com os seus cantos encantadores, faz as delicias dos serões da alta sociedade. Seus canticos ressumbram essa eschola que procura

no idealismo a realisação do modello da verdadeira poesia.

Ideias vaporosas, servem-lhe de assumptos para canticos que as vezes encerram um mundo de ideias. A sua imaginação cheia de hardidez, toma vãos tão altivos, que as suas poesias tornam-se incompreensíveis, á quem não trata de esmiuçar todas as suas ideias e pensamentos.

Ella tem *Puschkine*, que transplanta os misterios sublimes de Romeo e Julietta para as plagas russas.

Algumas vezes faz a sua lyra gemer, esse gemido plangente e melancolico, que transporta o espirito para um mundo que elle ignora, porem que avidamente almeja; outras vezes pinta com uma perfeição sem igual, as scenas da sociedade, e deixa escapar um riso *voltairiano* sobre as misérias que occultam sob as doiradas e deslumbrantes vestes da sociedade. *E o Byron moscovita.*

Ella teve o seu *Buffon* que soube tambem escrever sobre os joelhos da natureza, o grande *Celáu*, que é desconhecido dos brasileiros apesar de ter estado entre nós.

E' verdade que elle cá esteve em uma epocha, em que a direcção dos negocios d'Estado absorviam todas as attensões, e não deixavam lugar a apreciarmos os sabios estrangeiros que nos vinham visitar.

Viajou muito pelos terreos sertões de nossas provincias, especialmente por aquelles da provincia de Minas, que offereceu campo vasto ao seu espirito curioso.

Porem tal era ainda a ignorancia de nosso povo, que elle era considerado como louco ao fazer as suas excursões, e assim o consideravam, porque tendo traçado o seu plano de viagem, apenas guiado por uma bussola, internava-se pelas nossas mattas, acompanhado simplesmente de um negro e um cão.

Fez brilhantes colleções mincralogicas, botanicas e zoologicas, e ainda continuava a sua tarefa scientifica, quando a morte lhe veio interromper. Morreu de um ataque que teve ao banhar-se no rio Doce.

Deixou alem das colleções, uma memoria de sua viagem, que por sua vontade foi tudo enviado para o muséo de Saint-Petresbourg.

Porem a frente dessa brilhante pleiade de escriptores, está *Derzawine*, o grande poeta russo.

Derzawine cujos canticos e poemas, tem uma nomeada grande em todo o universo; e que procura pela fórma de uma grandeza simples imitar a Virgilio, e pela altivez elevada de seu pensamento imitar a Dante.

« O seu lyrismo é grandioso como o genio da liberdade, que elle ama como christão, e solemnisado como poeta, é progressivo como a intelligencia humana, é inspirado como a voz da revelação nas alturas do Sinay. (1)

Assemelha-se muitas vezes pela concepção grandiosa, cheia de unidade, e livre de ideias incidentes, ao grande poema da meia idade, Barlaam et Josaphat, em que o pensamento principal ostenta-se sempre brilhante, não dando lugar a que factos accessorios venham despertar outra qualquer ideia.

De *Derzawine* um bom litterato portuguez (2) já disse: « Quem conhece em Portugal o nome do poeta russo *Derzawine*? Ninguem, talvez; e, comtudo é

(1) Lopes de Mendonça, fallando de Lamartine-

(2) A. P. Soromenho. (Do Clamor Publico).

um nome respeitado em todo mundo. A ode a *Deus* é o cantico mais sublime que se tem escripto em lingua humana. Ella só é para a litteratura da Russia o que são para nós os *Luziadas*, para a Italia o *Orlando* e a *Jerusalem*, o *Paraiso Perdido* para a Inglaterra, a *Messiada* para a Allemanha, a *Eneida* para a antiga Roma, a *Iliada* para a Grecia, o *Schah-Namek* para a Persia, o *Ramayana* para a India: é um poema. David e Job não tem nada mais grandioso.

A ode de Derzawine está traduzida em todas as linguas da Europa. No Japão foi traduzida por ordem do soberano e collocada no templo de Yeddo. Na China foi vertida tambem na lingua china e tartara, e posta em characteres de ouro no palacio imperial de Pekin.

Quando não tivesse outros monumentos, que os tem, a litteratura russa passaria, só por esta ode aos seculos vindouros.

Leiam essa ode, traduzida para a nossa lingua por um dos mais sympathicos e mais elevados talentos poeticos de Portugal, e vejam se não merece as honras que lhe tem tributado o mundo inteiro.

Transcreverei esta tão sublime ode para os nossos leitores amantes das boas letras.

(Continúa.)

VARIÉDADES.

Um phenomeno que não assustou.

O sol do dia 10 de Junho era quasi em pino.

Do lado do mar ouviam-se roncões, que annunciavam um qualquer phenomeno sub-marinho. Dir-se-hia uma grande erupção vulcanica, ou que um monstro monstruosamente monstro rompia irado pelos dominios de Neptuno! O povo assusta-se, e pressuroso corre ás praias: essas praias eram as da Conservação. O rumor mais se aproxima dos expectadores: conhece-se então que de facto era um monstro, que vinha em demanda da praia! Alguns recuam prudentes, outros avançam intrepididos. Oh! Céus! rompe-se o véu do milagre! Era um *guabirú!* (1) que nessas praias procurava formar uma tóca! Não deixava de ser monstro, e phenomenal era o seu apparato. Uma grande capa de—ASPERGES—pendia-lhe dos hombros! Ahi liam-se muitos disticos—*Os velhos tempos. Viva a liberdade! Guerra á tyrannia! Abaixo os aristocraticos castellos conservadores!!*. Um barrete frigio galhardamente pendia da cabeça do hospede *guabirú*.

Chegando em terra recitou uma brilhante peça de *architectura*. Logo depois estenderam-lhe aos pés um tapete sobre o qual devia seguir sua marcha triumphante. Nesse tapete viam-se letras, que offuscavam a vista: e essas letras diziam:—*Ama-se a traição, e aborrece-se o traidor.*

(1) Rato da praia

O musico entre nós.

(Continuado do N.º 5)

Culpados são aquelles que não comprehendem, que esse homem realisa na sociedade um fim tão nobre como o de deputado, ou o ministro; que menosprezam a grandeza da idéa que lhe inspira o éstro, e que não sabem o que vai de generoso por aquelle criação de artista; culpados são emfim os que em sua fatuidade magoam a sua delicada sensibilidade.

O musico pois não deve ser olhado com desprezo: a arte ennobrece tanto como a sciencia.

Aquelle que realisa a arte (1), seja ella qual fôr, tem tanto direito aos officios da sociedade e as finezas do sallão, como o homem que em seu orgulho de sabio julga-se com direito ao primeiro logar em qualquer parte onde chega. Si o homem da sciencia illustra o espirito, o homem da arte illustra o coração. E o espirito e o coração representam a maravilha da criação, pelo corpo e pela alma.

Corpo e alma, eis o homem. Logo tudo o que foi tendente a apontar-lhe o caminho da verdade, será como uma revelação da Divindade, um reflexo da luz infinita allumiando as trévas da contingencia humana.

E pois, si é predestinado o homem da sciencia, tambem o é o homem da arte. Si Voltaire e Rosseau, por exemplo, mudaram a face da sociedade em que viveram, não foi menos importante a missão que desempenharam Haydn e Beethoven. E estes dois eram artistas!

O Brasil porém não será feliz, em quanto o governo não prestar verdadeira protecção ás suas vocações artisticas, afim de que o pobre musico enobrecido aos olhos da sociedade, não seja corrido como um *pariá*, ou olhado como um meio instrumento o requinte aos prazeres das pessoas da alta classe.

É preciso que o musico não seja tão duramente anathematisado, e que se elimine de nossos labios essa pecha infamante que se lança sobre elle, para provarmos que temos renegado todas as tristes reminiscencias da nossa escravidão, e que somos um povo livre que marcha abraçado á bandeira do progresso.

Não é verdade nova que a terra de Santa Cruz tem sido fertil em genios musicaes: ahi estão os nomes de João de Deos, José Mauricio, André da Silva, Francisco Manoel, e tantos outros: o que nos falta é darmos ao musico o que elle merece.

(1) Fallo sempre das artes liberaes.